



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal
Asahi Shimbun por ocasião de sua visita ao Japão**

Neste ano, celebramos o centenário da chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil e recordamos o quanto nossos povos construíram juntos neste período. Também este ano, se realiza, em Hokkaido, a Cúpula anual do G-8 com as principais economias emergentes. Nos próximos dias, Japão e Brasil vão unir-se aos principais líderes internacionais para buscar respostas coletivas para as questões urgentes que defrontam a comunidade mundial. São desafios que vão desde o aumento do preço dos alimentos, passando pela busca de fontes limpas e renováveis de energia, até o aquecimento global.

A participação do Brasil, África do Sul, China, Índia e México nessas discussões sinaliza que estamos perante fenômenos que requerem um grau de coordenação verdadeiramente global. Na busca de maior representatividade e legitimidade nos processos decisórios multilaterais, o Brasil juntou-se ao Japão na defesa de uma ampla reforma das Nações Unidas e, em especial, de seu Conselho de Segurança.

A complexidade dos problemas que temos pela frente não admite avaliações simplistas nem soluções unilaterais. Requer um maior equilíbrio entre os interesses de países industrializados e as aspirações das nações em desenvolvimento. Não há, por exemplo, uma única causa para a escassez de alimentos e a escalada dos preços agrícolas. Resulta de complexa conjunção de fatores, que inclui o aumento explosivo do preço do petróleo, a especulação financeira nos mercados de *commodities* e o impacto de fenômenos climáticos sobre as safras. É também manifestação dos efeitos nocivos dos subsídios e do protecionismo agrícola, que destruíram a capacidade de muitos países pobres de produzir seus próprios alimentos. Mas as causas desse fenômeno não são todas negativas. Não devemos esquecer que, graças à redução da



pobreza em muitas regiões do mundo, mais pessoas estão comendo mais e melhor.

Por isso, estou convencido de que a segurança alimentar mundial passa também por uma maior e melhor produção de alimentos e pelo desenvolvimento de vocações produtivas no setor agrícola. No Brasil, nos últimos dez anos, acumulamos recordes na produção de grãos. Em 2008, produziremos 142 milhões de toneladas e queremos tornar-nos verdadeiro celeiro mundial. Estamos desenvolvendo projetos de cooperação que habilitem países africanos e da América Central e do Caribe a realizar seu enorme potencial agrícola. Para isso, estamos propondo parcerias triangulares a países como o Japão.

Essas medidas só surtirão efeito se eliminarmos distorções ao comércio. De nada adianta fomentar a produção de alimentos nos países mais vulneráveis se eles não puderem exportar seus excedentes e ainda tiverem que competir com o orçamento dos países mais ricos. Por isso, o Brasil insiste em que a Rodada Doha enquadre definitivamente o setor agrícola nas regras da OMC e faça da agricultura um efetivo instrumento de desenvolvimento.

Também no tema da mudança do clima são os países mais pobres os mais vitimados pelas consequências de nossa inação coletiva. Para os países desenvolvidos, está colocado o desafio de adequar padrões de produção e de consumo às metas previstas no Protocolo de Quioto. O Brasil propõe que todos os países assumam responsabilidades na redução de emissões de gases de efeito estufa – desde que diferenciadas e segundo a contribuição de cada país para o atual quadro de aquecimento global. Sugerimos medidas de cooperação e de transferência de recursos e de tecnologia para os países menos industrializados. Somente assim poderão adotar padrões produtivos mais sustentáveis, sem abdicar de seu legítimo direito aos frutos do crescimento econômico e do bem-estar.

O Brasil já deu importantes passos nessa direção. Nossa matriz energética é das mais limpas do mundo, com participação de 47% de fontes



renováveis. Mas estamos conscientes da necessidade de preservar nossas florestas e de reduzir as emissões provenientes do desmatamento. Desde 2004, o ritmo de corte na Amazônia caiu 60%. Para tornar essa queda irreversível, o Governo brasileiro reforçou medidas de fiscalização e punição. É preciso, no entanto, fazer mais. Estamos implementando um plano de incentivo às atividades econômicas compatíveis com o manejo racional dos recursos naturais e a preservação dos biomas amazônicos. Além de ajudar a preservar o meio ambiente, melhorará a qualidade de vida dos 24 milhões de brasileiros que vivem na região.

Ao longo dos últimos trinta anos, o Brasil vem aperfeiçoando uma poderosa arma para combater vários desses problemas que afligem o mundo de hoje. Os biocombustíveis oferecem fonte renovável de energia, mais limpa e barata que os combustíveis fósseis. O etanol e o biodiesel ajudam a reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Diversificam e democratizam o acesso à energia, sobretudo para países importadores de petróleo.

Os biocombustíveis não são todos iguais, nem podem ser adotados indiscriminadamente. Cada país deve levar em conta sua realidade e suas necessidades, para evitar que a produção de biocombustíveis afete a produção e os preços dos alimentos ou que ocupe terras necessárias à produção de comida.

No caso do Brasil, esses cultivos ocupam somente 3% de nossa área agricultável e 1% do território nacional. Representam 16% de nossa matriz energética, mas sem pôr em risco a segurança alimentar de nosso país. Pelo contrário, geram renda e milhões de empregos no campo, permitindo às populações rurais se alimentarem melhor. Tampouco afetam nossas florestas, que não têm terra nem clima adequado para sua produção.

O Brasil sediará conferência, em novembro próximo, para promover amplo debate sobre todos esses aspectos dos biocombustíveis. Não faz sentido descartá-los com base em generalizações infundadas, que prejudicarão países que não têm alternativa economicamente viável para gerar energia



limpa e barata.

Sei que podemos contar com o Japão nessa nova revolução tecnológica. Inspira-nos o exemplo do cerrado brasileiro, originalmente considerado um semideserto, inapto para a produção de alimentos. Graças à cooperação técnica em agricultura prestada pelo Japão a partir dos anos 1970, essa região é, hoje, um dos celeiros do país e uma das mais promissoras fronteiras agrícolas do planeta.

Precisamos multiplicar mundo afora iniciativas desse tipo. Com muita cooperação, trabalho conjunto e solidariedade, superaremos desafios que hoje parecem insolúveis.

Essa é a lição dos imigrantes japoneses que vieram construir vida nova no Brasil. E também daqueles brasileiros que fizeram a viagem inversa, levando o melhor de si para o Japão. Encararam um mundo novo e desconhecido com perseverança e com esperança num futuro melhor.

Se quisermos o mesmo para as próximas gerações, precisamos transformar boas intenções em ações corajosas. A multiplicação das dificuldades jamais deve ser motivo para desespero ou fatalismo. É razão para redobrarmos nossa determinação em agir com sentido de urgência e solidariedade. Essa é a inspiração que nos deixa a secular parceria entre nossos dois países. É a mensagem que o Brasil trará para a reunião de Hokkaido.

(\$212)